

Eleitor pede comida e passagens

Geraldo Magela

Uma espécie de coronelismo de varejo ainda é detectada em boa parte dos gabinetes de deputados e senadores, tanto em Brasília, quanto nos estados de origem de cada parlamentar. Ali são atendidas solicitações de todos os tipos, principalmente de passagens rodoviárias e aéreas, dinheiro para a compra de comida e vagas em hospitais de regiões com maiores possibilidades de atendimento, principalmente no Sarah Kubitschek, em Brasília, o principal centro de recuperação ortopédica da América Latina.

O senador Ney Suassuna (PMDB-PB) conta que recebe por dia de seis a sete pedidos de eleitores para ajuda na compra de passagens da capital do País à Paraíba. "Às vezes fico com o coração cortado, porque são pessoas que não têm a mínima condição para comprar a passagem", disse. Há 15 dias, Suassuna foi procurado pelos 21 integrantes da bandinha "Acauã da Serra", de Campina Grande, com o pedido de 21 passagens áreas de ida e volta de João Pessoa a Paris. "Não tive como atender o pedido", contou o senador. Proprietário da rede de escolas Anglo-Americana e de uma mina de mármore e granito no Ceará, Suassuna tem condição de atender a muitos pedidos, mas políticos com menos recursos passam por situações difíceis.

É o caso do senador João França (PP-RR), mestre-de-obras da construção civil que acabou herdando o mandato do senador Hélio Campos, morto dois meses após assumir o cargo, em 1991. "Não aguento mais", disse ele. "Quero é voltar para casa". França disse que



Suassuna recebeu pedido de 21 passagens de ida e volta a Paris

tem problemas com os eleitores, porque no caso dele, o pedido é para passagens aéreas. "Quem é que vai daqui para Roraima de ônibus?" A passagem de ida e volta de Brasília a Boa Vista custa cerca de R\$ 800,00. O senador recebe R\$ 5,46 mil líquidos. Se der duas passagens por mês, perde quase um terço do salário.

Internações — Depois das passagens aéreas, o maior pedido de eleitores aos políticos é para internações no Hospital Sarah Kubitschek. Mesmo parlamentares que se recusam a dar dinheiro para a compra de passagem, como Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), não conseguem se livrar do Sarah. "A prefeitura de Londrina tem um programa de assistência aos migrantes, o que acaba livrando o político", disse Hauly. Mas, do Sarah, ele não escapa. "Sou procurado para conseguir uma vaga no hospital, em Bra-

sília, pelo menos duas vezes por mês".

O deputado Albérico Filho (PFL-MA) é outro que sempre é procurado por eleitores com pedidos de passagens e de internação em hospitais. "Quando a passagem é do Maranhão para o Maranhão, quaisquer R\$ 10 resolvem; mas quando é de Brasília para o estado, aí se vão mais de R\$ 50", disse Albérico Filho, que é sobrinho do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). "Se não tivermos cuidado, o dinheiro do salário vai embora", queixou-se ele.

O deputado José Rezende (PTB-MG) não dá passagens. Há poucos dias ele recebeu uma correspondência de eleitores de Minas com solicitação para contribuir com R\$ 200 para uma feira de Estados a ser realizada em Brasília. "Pensei bem e resolvi não dar nada", contou Rezende.